

O potencial da CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS na construção de saberes das crianças na educação infantil

Edson de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo objetiva investigar uma abordagem teórica sobre o potencial da ação docente na contação de história para a construção de saberes conceituais, comportamentais, atitudinais imprescindíveis à formação sociocultural da criança na Educação infantil. A pesquisa oportunizou uma visão global dos conhecimentos intrínsecos a referida atitude pedagógica para a formação integral dos alunos. A metodologia utilizada na investigação foi à qualitativa embasada na revisão da literatura relevante e pertinente à temática. Como aporte teórico embasou-se, principalmente, nas contribuições teóricas de Barthes (1992), Sisto (2005), Tahan (1957), Bettelheim (2002) entre outros para quem a contação de história resulta da sublimidade de o professor estar sensível com a narração. Os resultados apontam a relevância da literatura infantil para ativar o prazer estético que mobiliza o interesse por aprender a ler. Assim, possibilita-se que ocorra a aquisição e a ampliação do conhecimento linguístico sob a égide da ludicidade mediada pela fantasia. O sucesso dessa estratégia pedagógica não pode ser atribuído meramente a narrativa literária, mas consiste no valor da voz, nas modulações vocais, no jogo de ritmos, na interação entre o contador e os ouvintes, nas sensações provocadas, e no fascínio de causar nas crianças o interesse de aprender a ler.

PALAVRAS-CHAVES: Professor. Crianças. História-história. Estratégia. Aprendizagem.

1. Introdução

Contar história é uma estratégia lúdico-pedagógica que ativa a imaginação da criança e possibilita o desenvolvimento de potencialidades cognitivas inerentes à expansão da linguagem infantil, estímulo à inteligência, aquisição de conhecimentos, socialização de informações, relação das diferenças individuais, formação de hábitos e atitudes sociais e morais, cultivo da sensibilidade e da imaginação, cultivo da memória e da atenção, e, interesse pela leitura, Tahan (1957).

¹ Coordenador de Apoio Pedagógico da Secretaria de Educação – SEMED de Parauapebas/PA e Orientador de Estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

As razões que tangenciaram o delineamento dessa temática foram de interesses pessoais, particularizados ao objetivo de apreender o poder que a vocalização das narrativas tem no processo de construção de saberes das crianças em idade equivalente a Educação infantil. A curiosidade por opiniões teóricas sobre a histórica atitude de contar história com finalidades lúdico-didáticas oportunizou descobertas de argumentos profícuos ao desenvolvimento de múltiplas potencialidades cognitivas, afetivas, sociais, culturais e educativas de criança, que justificam a perpetuidade dessa prática histórica.

A produção desse Artigo situa-se no campo da pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2008), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, sucedida de fichamento de obras cujos autores tratam da contação de histórias, como estratégia lúdico-pedagógica, para o desenvolvimento de potencialidades de crianças na fase da Educação Infantil.

A tessitura subsequente inicia-se com os antecedentes contextuais inerentes a prática de oralização de histórias, e prossegue discorrendo sobre as contribuições do aporte teórico para a compreensão conceitual da relevância de se praticar atitudes pedagógicas mediadoras que garanta a criança o acesso ao conhecimento a motive a apropriar-se dela para construir diferentes conhecimentos.

Assim, busca-se socializar o conhecimento sistematizado nesse gênero discursivo para aprofundar e consolidar a prática dos potenciais leitores: professores da Educação infantil, na missão de contadores de história, com a finalidade de aprimorar essa estratégia ativadora de emoções e sensações humanizadoras capaz de proporcionar experiências inesquecíveis e preparatórias para as demais fases da vida.

2. Embasamento Teórico

Contar história “é a mais antiga arte,” Abramovich (1995 p.17), que tem subsistido no transcorrer do tempo sob a égide de sua relevância para a vida em sociedade. O motivo de uma boa narrativa ser um modo poderoso para prender a atenção de uma audiência consiste no fato de fazer parte do imaginário sociocultural histórico coletivo da humanidade. Sua atração tem efeito obre o cérebro inteiro por meio de processos inconscientes que mobilizam a imaginação e potencializam a capacidade da memória.

Antes da invenção da Escrita, as histórias foram preservadas por “guardiões de memórias”, que usavam seus corpos para conservar o passado, interligando-o ao presente, contribuindo na formação da identidade das gerações mais novas. Assim, as narrativas clássicas permaneceram através dos tempos encantando, desafiando e estimulando as imaginações com suas poesias.

Nesse contexto, contar histórias era uma maneira profícua de propagar informações, conteúdos culturais, experiências, conhecimentos, crenças e valores. Para manter a tradição, cada geração se incumbia de guardar e disseminar as histórias que faziam parte da cultura popular, originadas e difundidas na modalidade oral, que se legitimou antropológicamente como expressão folclórica no transcorrer dos tempos.

A percepção de que a escola pode continuar o processo formativo da criança por meio das estratégias que Barthes (1988, p. 334), nomeia de “maternagem”, analogia as ações praticadas na afetividade das mães durante eventos de ninar a criança para apaziguá-las ou embalá-las ao sono, em paralelo aos procedimentos pedagógicos requisitados para seduzir a criança por meio da fala do professor e pela maneira como ele apresenta a história, o aprendizado desta nova forma de ler poderá ocorrer, prazerosamente, introduziu, segundo Busatto (2006), essa estratégia como conteúdo curricular na educação moderna.

Segundo Barthes (1992, p 19), “a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta [...]. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa”. O designo das narrativas é uma estratégia sutil e intencional de transposição de conhecimentos científicos, princípios éticos, valores morais, comportamentos e atitudes sociais.

Na relação ambivalente entre conhecimento científico e empírico, muitas personagens que deixaram suas marcas no curso histórico da espécie humana eram sujeitas versados no conhecimento científico e habilidosos contadores de histórias. Essas pessoas compreendiam o valor dessa arte lúdica e estratégica, e foram capazes tornarem-se memoráveis por meio desse ofício. Uma sucinta rememoração destaca Jesus, Perrenoud, Wilhelm e Jacob Grimm, Esopo, La Fontaine, Abraham Lincoln e outros.

2.1 Delineamentos pedagógicos inerentes a contação de história

A Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional - LDB 9.394/96 preceitua que, a finalidade da educação infantil consiste no desenvolvimento integral da criança em seus respectivos aspectos físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família. A escola, no entanto, não dispõe em suas prerrogativas, de condições para alcançar no aluno essa integralidade que transcende seus limites de influência, pois, a essência do homem é algo que se constrói a partir das relações sociais.

Ademais, esse desenvolvimento envolve a dimensão afetiva, os cuidados biológicos do corpo, a qualidade da alimentação e os cuidados de saúde. O processo de formação integral é marcado pelas experiências de aprendizagens vivenciadas nas relações humanas no transcurso da história de vida de cada indivíduo. Assim, quem educa deve comprometer-se com quem está sendo educado, considerando sua singularidade. Essas marcas precisam apresentar relevância social, compromisso de solidariedade e uma sólida base científica a serviço de condições melhores de vida coletiva.

Ouvir história é uma experiência cognitiva que mobiliza todos os órgãos do sentido de uma pessoa. Além de ter encantos cativantes, alvorecido na suave voz da figura materna com o poder do seio bom, continuado pelas babás com livros coloridos para crianças, e ampliado nas técnicas de pedagogos. A literatura tem a potência de projetar no ser o desenvolvimento de faculdades nobres para formação da personalidade humana.

Os contos infantis, com suas luzes puras e suaves fazem nascer e crescer os primeiros pensamentos, os primeiros impulsos do coração. São também contos do lar, porque neles a gente pode apreciar a poesia simples e enriquecer-se com sua verdade. E também porque eles duram no lar como herança que se transmite (JACOB E WILHELM GRIMM, 1912).

A formação de um cidadão proficiente para interagir como sujeito histórico perpassa pela valorização dos textos de tradição cultural. As ações mobilizadoras desses aspectos partem de estratégias pedagógicas planejadas e consolidadas com finalidades explícitas. Porém, a abertura do apetite literário inicia-se na oralização dos textos escritos realizadas com mestria para atingir os propósitos para os quais foi idealizada.

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45)

Os primeiros pensamentos são mecanismos cognitivos de conversão do que é captado para o modo de ser interno da criança. Na fase da infância, coincidente ao período da Educação Infantil, a memória sensorial armazena informações provenientes de diversos sentidos que

alargam a duração do estímulo. Os armazéns são preenchidos por informações capturadas pelas vias da visão e audição.

Contar oralmente uma história está relacionado ao reunir, ao criar intimidade, ao ato de entrega coletiva. É um ato agregador de pessoas; é o exercício do encontro consigo, com os outros, com o universo imaginário, com a realidade, por extensão! (SISTO p. 2)

As narrativas são detentoras de um poder capaz de cativar, prazerosamente, a atenção da criança, que entende a ludicidade da ação do adulto como gesto de carinho. Como tal, consistem em excelentes veículos para a transposição de valores, porque dão contexto a fatos abstratos, difíceis de serem transmitidos isoladamente. Aufere estímulos para mobilizar a aprendizagem enquanto se comunica, exterioriza suas emoções, utiliza-se de fantasia para ampliar a realidade e potencializa os pensamentos permitindo ao imaginário a interação constante com o mundo cultural.

As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhar, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2006 p. 21).

Nota-se, além do potencial para formação da personalidade “identidade”, figura-se ainda o “conhecimento de vida” e a “ampliação dos recursos e a globalização das informações”. O êxito da contação de história no enriquecimento do mundo interior visa desenvolver, na dimensão sociocultural, a habilidade interlocutória de ouvir, imaginar e interagir valorizando as relações entre pares permeadas pelo prestígio realçado no âmbito literário.

Tahan (1957) postula a relevância da audiência de história pela criança e como essa tradição milenar contribui para garantir o desenvolvimento de competências e habilidades humanizadas que a capacita para lidar com a complexa diversidade da vida. Delineiam-se os desenvolvimentos em larga abrangência denotados a partir da experiência de uma criança ao ouvir uma história oralizada por um adulto capaz de agregar significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser.

- a. Expansão da linguagem infantil - enriquecendo o vocabulário e facilitando a expressão e a articulação;
- b. Estímulo à inteligência - desenvolvendo o poder criador do pensamento infantil;
- c. Aquisição de conhecimentos – alargando os horizontes e ampliando as experiências da criança;

- d. Socialização – identificando a criança com o grupo e ambiente, levando-a estabelecer associações, por analogia, entre o que ouve e o que conhece;
- e. Revelação das diferenças individuais - facilitando à professora o conhecimento de características predominantes em seus alunos, evidenciadas através das reações provocadas pelas narrativas;
- f. Formação de hábito e atitudes sociais e morais - através da imitação de bons exemplos e situações decorrentes das histórias, estimulando bons sentimentos na criança e incitando-a na vida moral;
- g. Cultivo da sensibilidade e da imaginação - condição essencial ao desenvolvimento da criança;
- h. Cultivo da memória e da atenção – ensinando a criança a agir e preparando-a para a vida;
- i. Interesse pela leitura - familiarizando a criança com os livros e histórias, despertamos, para o futuro, esse interesse tão necessário. (p.21)

Nota-se nove categorias relevantes ao desenvolvimento da criança mediado pela contação/audiência de histórias. Desdobrá-las é incorrer em uma tentativa, paradoxalmente, audaciosa e limitada. Mas a iniciativa é a metade da conquista, e é possível roteirizar sólidas ideias argumentativas fundamentadas em teóricos que enaltecem a discursão e aprofunda os sentidos dos conceitos estabelecidos historicamente.

As reações diante da audiência de uma história variam por criança. Mas os benefícios são consensuais quanto aos aspectos lúdico, educativo, instrutivo, religioso e físico. Esses aspectos contemplam as dimensões do desenvolvimento afetivo-emocional, cognitivo, linguístico e social preceituado pela legislação vigente. A inexcusável vantagem desse desenvolvimento consiste na dinâmica do contato voluntário de troca recíproca entre adulto, criança e a narrativa: cada um doa e recebe, graciosamente.

No que se refere a “expansão da linguagem infantil - enriquecendo o vocabulário e facilitando a expressão e a articulação” pode-se destacar a competência da interação. A contação/audiência além de possibilitar a apropriação e ampliação do léxico na condição de patrimônio cultural acumulado historicamente pela experiência humana, figura, também, como estímulo a produção de comentários, formulações de perguntas relevantes e pertinentes ao conteúdo narrado, expressão de opinião, apresentação de dúvidas e criação de utopias que projetam o ser para as diversas relações dialógicas.

No sentido da língua, particularmente, as histórias: enriquecem a experiência; desenvolvem a capacidade de dar sequência lógica aos fatos; dão o sentido da ordem;

esclarecem o pensamento; educam a atenção; desenvolve o gosto literário; fixam e ampliam o vocabulário; estimulam o interesse pela leitura; desenvolvem a linguagem oral e escrita; As histórias são fontes maravilhosas de experiências. São meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca. (BUSATTO, 2011, p. 02)

A efetivação do processo comunicativo se inicia a partir da apropriação vocabular disponível em sua comunidade linguística e se consolida durante todo o ciclo vital. Mas não basta aprender as palavras e não dispor da capacidade discursiva de enunciar articulando-as em determinado contexto sociocultural. Assim, a criança é incluída no curso de sua história no qual se realiza um único e permanente discurso, que se vai compondo como uma linha continua e sem rupturas.

Em relação à categoria “estímulo à inteligência - desenvolvendo o poder criador do pensamento infantil”, coloca-se em relevo a faculdade criativa como atributo da criança para conceber o mundo. À medida que a criança recebe estímulos favoráveis ao desenvolvimento da inteligência, os enredos narrativos provocam a fantasia como experiência prazerosa inerente ao contexto da criança capaz de mobilizar comportamentos, procedimentos e conceitos que ampliam as ideias, aumentam as percepções e elevam as expectativas que mobilizam a maturidade intelectual.

Assim, os enredos das narrativas possibilitam estimular o imaginário coletivo das crianças e mobilizá-las a exercitar o pensamento crítico a partir do que já sabem em relação ao mundo. Por meio do contato regular com obras literárias, as crianças se permitem ser possuídas por elas enquanto se inclui em práticas culturais produzidas e difundidas pela humanidade. Em processo contínuo, os conhecimentos espaciotemporais situados se ampliam, se sofisticam e se transformam em conhecimento enciclopédico.

Em se tratando da categoria “aquisição de conhecimentos – alargando os horizontes e ampliando as experiências da criança”, Vygotsky (1984, p. 97) formula o conceito de “zona de desenvolvimento proximal”, ou seja, a distância entre o desenvolvimento real e o potencial. Dessa forma, a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento ao estimular na criança uma série de processos cognitivos que são ativados nas interações com os adultos e/ou em colaboração com outras crianças. Segundo Crahay (2011), uma vez interiorizado, esse processo convertesse em uma conquista da própria criança.

No sentido da língua, particularmente, as histórias: enriquecem a experiência; desenvolvem a capacidade de dar sequência lógica aos fatos; dão o sentido da ordem; esclarecem o pensamento; educam a atenção; desenvolve o gosto literário; fixam e

ampliam o vocabulário; estimulam o interesse pela leitura; desenvolvem a linguagem oral e escrita; As histórias são fontes maravilhosas de experiências. São meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca. (BUSATTO, 2011, p. 02)

O processo de aprendizagem não é fixo, por isso evolui de uma participação imitativa sincrética até atingir um padrão de autonomia relativamente estável que faz uso das experiências em suas decisões e ações vitais. A dimensão cognitiva que emerge das integrações de unidades simples, continua tecendo-se e amplia-se para alcançar *status* de um sistema organizado e complexo. Nessa dinâmica, a ampliação do conhecimento ocorre por meio do processo de assimilação e acomodação.

No que tangencia a categoria “socialização – identificando a criança com o grupo e ambiente, levando-a estabelecer associações, por analogia, entre o que ouve e o que conhece”, trata de uma característica do senso de coletivizar-se no universo cultural da comunidade. O sentimento de pertencimento a um meio social é evidenciado nos traços de seus indivíduos. Assim, o ser humano integra-se ao meio sócio-histórico no qual nasceu e constrói uma identidade capaz de comunicar hábitos e valores culturais contextualizados.

Há duas variações de socialização: a primária e a secundária. A primeira é profundamente marcante e determinante na formação do caráter do indivíduo, pois trata do período em que a criança aprende a interiorizar a linguagem, o conjunto de regras da sociedade, os valores morais e o padrão de comportamento do grupo ao qual pertence; a segunda corresponde ao processo posterior que projeta o indivíduo socializado a novos ambientes do universo social.

Como não há sociedade sem narrativas, por meio da contação de histórias, ocorre a socialização do conjunto de conhecimentos que inclui a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos que precisam ser adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro, para se legitimar como sujeito histórico.

Quanto à categoria “revelação das diferenças individuais - facilitando à professora o conhecimento de características predominantes em seus alunos, evidenciadas através das reações provocadas pelas narrativas”, desdobra-se em duas importantes capacidades que se inter-relacionam harmonicamente: inteligência e personalidade.

A capacidade intelectual que distingue os indivíduos é objeto de estudos permanentes e recebe, no decurso histórico, duas definições relevantes e pertinentes que não se excluem, mas se

buscam a fim de explicitar e expandir conceitos complementares. A primeira definição de inteligência foi assinada pelos pesquisadores Herrnstein¹ e Murray em 1994, que preceitua como:

...uma capacidade mental bastante geral que, entre outras coisas, envolve a habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de forma abstrata, compreender ideias complexas, aprender rápido e aprender com a experiência. Não é uma mera aprendizagem literária, uma habilidade estritamente acadêmica ou um talento para sair-se bem em provas. Ao contrário disso, o conceito refere-se a uma capacidade mais ampla e mais profunda de compreensão do mundo à sua volta - 'pegar no ar', 'pegar' o sentido das coisas ou 'perceber' uma coisa.

A segunda definição figura em relatório de uma equipe congregada pela Associação Americana de Psicologia, em 1995 que postula:

Os indivíduos diferem na habilidade de entender ideias complexas, de se adaptarem com eficácia ao ambiente, de aprenderem com a experiência, de se engajarem nas várias formas de raciocínio, de superarem obstáculos mediante o pensamento. Embora tais diferenças individuais possam ser substanciais, nunca são completamente consistentes: o desempenho intelectual de uma dada pessoa vai variar em ocasiões distintas, em domínios distintos, a se julgar por critérios distintos. Os conceitos de 'inteligência' são tentativas de aclarar e organizar esse conjunto complexo de fenômenos.²

Nota-se em ambas as definições, um apelo ao potencial das habilidades cognitivas, ao comportamento adaptativo e a representação consciente dos resultados das habilidades cognitivas para reorganizar informações e inferir novos conhecimentos. Nessa perspectiva, as narrativas detém um poder de mobilizar os aspectos que constituem a cognição que envolve habilidades, comportamentos e intencionalidades.

Em relação ao desenvolvimento da personalidade, como sendo um processo complexo representado por um conjunto de características psicológicas que determinam os padrões de pensar, sentir e agir inerente a individualidade pessoal e social de alguém, a audiência de histórias mobiliza na criança aprenderes a partir da influência cultural das narrativas que possibilita formação gradual interna de padrões expressos por meio de comportamento, pensamento e emoções.

Sobre a categoria “formação de hábito e atitudes sociais e morais - através da imitação de bons exemplos e situações decorrentes das histórias, estimulando bons sentimentos na criança e incitando-a na vida moral”, segmenta dois aspectos relevantes na formação sociocultural da criança: hábitos e atitudes predicados por atributos morais e culturais. Sabe-se que, as individualidades agregam juízos de valores pessoais. Porém, visa-se com a contação de histórias, oferecer “bons modelos” para o convívio social.

Nesse contexto, entende-se atitude como maneira constante de ser, e, hábito por maneira constante de fazer. A formação da criança sem intencionalidade de valores desencadeia o

divorcio das relações de natureza objetiva e subjetiva. Assim, deforma-se a personalidade humana a germinar hábitos sem atitudes ajustadas aos padrões socioculturais alinhados ao contexto histórico do indivíduo, que delineiam conflitos de valores para gerar problemas de desordens sociais. As narrativas intencionam a criação de bons hábitos acompanhados de excelentes atitudes.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 2002, p. 6).

Os conflitos de valores apresentados na literatura contribuem para desambiguar os eixos polares entre o bem e o mal: de um lado, porque existem diversas definições acerca do que é melhor para a vida em sociedade, e, de outro, porque os próprios valores geram confusão e estimulam desvios de conduta. Entretanto, a literatura oportuniza a criança uma formação integral quando o acesso ao universo ideológico das personagens tipifica sua experiência existencial, emotiva e utópica, geralmente figurativizada no bem.

A categoria “cultivo da sensibilidade e da imaginação - condição essencial ao desenvolvimento da criança” concretiza-se na ludicidade. Ressalva-se que, não é razoável que, “sensibilidade e imaginação” sejam tratadas como qualidades equivalentes. Sensibilidade consiste na faculdade de sentir compaixão, simpatia, piedade, empatia, ternura; enquanto a imaginação delinea-se na faculdade de criar a partir da combinação de ideias. A audiência de histórias é uma contribuição na aprendizagem de hábitos indissociáveis de atitudes nobres para o convívio sociocultural.

O aspecto lúdico das narrativas possui um conjunto de elementos cognitivos, comportamentais e procedimentais interdependentes de modo a formar uma organização psicológica atinente aos direitos e objetivos de aprendizagens postos por expectativas no processo de vivência da infância. A ludicidade relativa à contação de história propicia à criança um ambiente acolhedor, motivador, enriquecedor, que palpita a mobilização de várias habilidades receptíveis por meio de impressões sensoriais: criatividade, inteligência verbal-linguística, coordenação motora dentre outras; e, concebível a partir das habilidades cognitivas.

Quanto à categoria “cultivo da memória e da atenção - ensinando a criança a agir e preparando-a para a vida”, frisa-se que, o termo memória, nesse contexto está restringido a

capacidade de adquirir, arquivar e evocar informações e fatos obtidos por meio de experiências ouvidas ou vividas; e, atenção, como processo cognitivo pelo qual o intelecto focaliza e seleciona estímulos, estabelecendo relações entre eles.

Nota-se que memória e atenção constituem capacidades bio-cognitivas imprescindíveis ao processo formativo da criança enquanto sujeito em potencial. Para tanto, o esquema de composição e organização dos elementos das narrativas é profícuo no favorecimento dos aprenderes e desenvolvimento das complexas habilidades cognitivas da criança como sujeito real.

Finalmente, a categoria “interesse pela leitura - familiarizando a criança com os livros e histórias, despertamos, para o futuro, esse interesse tão necessário”, verbaliza sobre o abrir do apetite literário. É um processo provocativo. Para mobilizar o interesse pela leitura, a contação de histórias literárias consiste em uma estratégia pedagógica imprescindível, eficiente e eficaz.

Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional...é ele o elo da comunicação. (SISTO, 2005, p. 28)

O sentido de leitura fixa-se no processo de construir sentidos múltiplos a textos verbais, visuais e sonoros a partir do acionamento das estratégias de leitura e dos conhecimentos prévios que constituem o acervo adquirido, pela criança, em suas múltiplas experiências socioculturais.

Em um primeiro momento, as delícias do texto encontram-se na fala do professor. Usando uma sugestão de Melanie Klein, o professor, no ato de ler para os seus alunos, é o "seio bom", o mediador que liga o aluno ao prazer do texto. Confesso nunca ter tido prazer algum em aulas de gramática ou de análise sintática. Não foi nelas que aprendi as delícias da literatura. Mas lembro-me com alegria das aulas de leitura. Na verdade, não eram aulas. Eram concertos. A professora lia, interpretava o texto, e nós ouvíamos extasiados (ALVES, 2004).

Ressalva-se que, leitura é um processo cognitivo que precede a decodificação do Sistema de Escrita Alfabética. Assim, uma criança não alfabetizada é capaz de ler, isto é, construir sentidos às narrativas vocalizadas por meio de um leitor experiente. A contação de história funciona como estímulo a motivação do desejo de apreender o código linguístico. Posta essa condição didática, estabelece-se um contínuo entre o prazer estético da audiência das narrativas a autonomia diante dos textos literários.

A figura do professor contador de histórias é gravada nas mentes pueris com a intensidade de uma imagem consagrada que se eterniza como o mediador que liga a criança ao prazer do texto oralizado. A voz do professor, no processo de oralização, personifica cada personagem no

imaginário infantil de “faz-de-contas”. As palavras são revestidas de um poder mágico-poético cativante que estabelece múltiplos sentidos. O gesto sonoro musicaliza a narrativa e o corpo entra em um estado de êxtase metafísico para se conectar com a essência da comunicação ideal.

3. Conclusão

A mente humana com todas as suas vicissitudes, repleta de memórias episódicas e acontecimentos que marcaram experiências, tem construído repertórios de narrativas que impactam o imaginário coletivo social e se incorporam ao prazer estético-cultural das crianças. Para isso, os escritores procuram narrar suas histórias a partir de um contexto, de modo a dar uma moldura, que as tornam aprazíveis às emoções humana.

Nesse artigo, procurou-se destacar, teoricamente, a potencialidade inerente à contação de história pelo professor na Educação Infantil como uma ferramenta estratégica profícua ao desenvolvimento da base integral das crianças. A finalidade intrínseca a essa prática docente consiste em cativar o prazer estético ao repertório de narrativas literárias que será objeto de desejo motivador das aprendizagens da leitura.

A despeito do mérito das criativas mentes canônicas produtoras de enredos literários inesquecíveis, admite-se que esses deram existência ao texto, mas são os professores com suas mestrias que personificam as narrativas dando-lhes uma dimensão romântica a fim de cravá-las no âmago da alma humana. Nessa dinâmica, cada palavra tem seu valor, mas o fascínio que uma boa história causa nos ouvintes provém da viagem que as páginas literárias possibilitam no tempo e na imaginação.

Mesmo com toda magia da modernidade tecnológica com recursos digitais, midiáticos e audiovisuais, os livros mantêm sua missão tradicional de guardião de memórias, que possibilita o acesso ao conhecimento humano sistematizado historicamente. Aprendizagens importantes para a vida são adquiridas por meio do ouvir. Por isso, os conteúdos que devem cativar o gosto estético das crianças precisam ser planejados e ministrados com mestria para modelar comportamentos, procedimentos, atitudes e valores que transcendam a mera programação curricular.

Há de se inovar essa estratégia com mídias como recursos para ampliar o padrão de qualidade da contação de histórias analisando de que forma a contação de história se modifica e como pode se alinhar ao modo de cativar as crianças com novos recursos e metodologias.

4. Referências Bibliográficas

- BUSATTO, Cléo. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Positivo. 2ª Ed. Curitiba Série: Práticas educativas, 2005.
- TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro, Conquista, 1957.
- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. Ed. São Paulos: Scipione, 1995.
- CRAHAY, Marcel. Psicologia da Educação. In: ZANTEN, Agnès van. (Coord.). **Dicionário de Educação**. Petrópolis, RJ: 2011. p. 6.75-6.81.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª Edição. Tradução de Arlene Caetano - Paz e Terra – 2002.
- BARTHES, Roland. Escritores, intelectuais, professores. In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARTHES, Roland. Aula. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1992.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

Recebido em outubro 2023

Aprovado em novembro 2023